

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



PRISÃO DO ALJUBE NO SÉC. XVI – VIDROS, MAJÓLICA ITALIANA E CERÂMICA ESMALTADA ESPANHOLA

Clementino Amaro / clementinoamaro@gmail.com

Vanessa Filipe / nessa_filipe@hotmail.com

José Pedro Henriques / jpedrohenriques@hotmail.com

Cláudia Rodrigues Manso / c.manso@hotmail.com

RESUMO

No decorrer da intervenção arqueológica realizada na antiga prisão do Aljube, nos anos de 2004 e 2005, foram exumados distintos contextos adscritos a uma larga diacronia cronológica. Daqueles, destaca-se um depósito realizado num único momento, datado do séc. XVI. Neste artigo, privilegiámos de forma introdutória três desses conjuntos: vidros, majólica italiana e cerâmica esmaltada espanhola.

ABSTRACT

During the archaeological intervention in the old Aljube prison, in 2004 and 2005, different contexts were exhumed and added to a large chronological diacronie. Of those it stands out a deposit accomplished in one single moment, dated from the XVIth century. In this article we privileged in an introductory way three of those contexts: glass, Italian maiolica and Spanish lustreware.

BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A designação “Aljube” deriva da palavra árabe “*al-jubb*”, que significa “poço” associado (ou não) a “cisterna”. O termo surge também na Península Ibérica, por evolução semântica, com o sentido de “masmorra”. Após longos séculos como cadeia episcopal, é como prisão política (*espaço do futuro museu da resistência*) que chega aos anos sessenta do século XX. Remetendo-nos para o período em análise, as obras levadas a cabo pelo arcebispo D. Miguel de Castro (por volta de 1590) poderão estar associadas, num primeiro momento, a um surto de peste que tenha atingido a cidade e o cárcere do foro episcopal do Aljube.

Assim, todo o recheio móvel das celas, cozinha e outros serviços de apoio, associado a um residual material de construção, é lançado num pátio e, em simultâneo, selado, um dos métodos então usados no combate à pestilência.

Na abordagem que é feita às pestes e epidemias que atingiram o país, e particularmente Lisboa, na época quinhentista (Rodrigues, 1993, p.220), refere a dado momento: “*Com as tropas inglesas vem a «modor-*

ra», epidemia que alguns identificam como tendo origem pestífera e que faz alguns estragos nos primeiros meses de 1589, não só a bordo das galés, como nos cárceres da cidade.”

Parece-nos, como tal, pertinente a proposta de que o arcebispo de Lisboa (1568 a 1625) tenha aproveitado a situação de exceção vivida para a transferência dos presos sobreviventes e procedido a obras de adaptação para anexo, pelo menos temporariamente, do paço episcopal, (ou ainda como segunda residência junto à Sé) ou até, numa solução de compromisso, integrando um espaço exclusivo para presos do foro eclesiástico.

Esta hipótese coloca-se no seguimento da nota inserida no Regimento da Freguesia da Sé (Macedo, 1981) de que: “*Aos 13 que foi terça feira pella manhã [Novembro de 1590] mandou o Ill.m^o sôr Arcebispo prender metade do cabido no Aljube.*”

Outro indício que reforça esta tese é a menção do edifício do Aljube como «Palácio dos Arcebispos» no painel de azulejos que representa a capital vista do rio, produzido entre 1700 e 1725, hoje exposto no Museu Nacional do Azulejo.

Com base nas *Constituições do Arcebispado de Lisboa*, publicadas em 1588, os cárceres do Aljube são mencionados já em 1536 como sendo usados igualmente para delinquentes de delito comum. É o caso referido no mesmo Regimento (Macedo, 1981) onde se destaca a ocorrência de que “aos 15 dias deste janr.º de 1586 faleção no Aliube stando presa por culpas de feitiçarya Isabel João mulher velha. . .”

Saíam igualmente do Aljube para a cadeia da cidade, os condenados a degredo para o Brasil, África ou para as galés (de acordo com o estatuto social), a fim de serem depois embarcados.

VIDROS

Numa abordagem geral sobre o espólio vítreo verificou-se a elaboração por sopragem, livre ou a molde, constatando-se em diversos fragmentos a marca do pontel. Em relação às cores utilizadas o estado de irisamento dos vidros dificulta a sua apreensão, sendo no entanto possível verificar a predominância do vidro incolor sobre o vidro em azul e verde, ambos com variações cromáticas. Também foi possível observar que a maioria dos objectos vítreos serviam para receber/conter líquidos.

Um dos elementos essenciais numa mesa é o copo, com ou sem pé, para beber vinho, licores ou outras bebidas apreciadas na época. Os copos sem pé apresentam uma forma cilíndrica reconhecendo-se apenas, até ao momento, dois fragmentos levemente troncocónicos (Figura 1a). Primam pela ausência de decoração na sua maioria. Face a esta simplicidade estética encontramos copos ornamentados no bordo e copa através da aplicação de fios brancos opacos colocados em relevo na horizontal (Figura 1b).

Os cálices assentam numa base cónica com rebordo tubular individualizando-se pelas diversas formas dadas aos botões que unem a base à copa e pelas temáticas decorativas presentes em copas troncocónicas, algumas bastante acentuadas. Em relação à configuração dos botões estes podem ser duplos ou triplos, mais alongados ou achatados, adaptando-se assim à colocação dos dedos de maneira a facilitar a sua utilização (Figura 1c). Do ponto de vista da decoração são vários os exemplares com aplicação em relevo de fios brancos opacos em redor do bordo e do bojo (Figura 1d); um outro decorado por caneluras acentuadas com recurso a molde; e um fragmento de copa ornamentado por cordões verticais trabalhados a pinça, distando entre si por 1cm, aplicando-

-se nas reentrâncias dos cordões gotas de vidro branco opaco (Figura 1e). Este último sugere uma influência da ourivesaria, lembrando-nos a colocação de pedras preciosas nos entretantos dos cordões em ouro presentes nos cálices.

As jarras, que podiam inclusive ser utilizadas para colocar flores, demonstram uma larga variedade formal e diversas modalidades decorativas. Morfológicamente os bordos podem ser extrovertidos, em aba, alguns em aba ligeiramente pendente e com rebordo tubular. As bases são cónicas e discoídes com rebordo tubular, oferecendo as últimas botões largos reforçando deste modo a sustentabilidade da peça (Figura 1f). Os corpos e colos encontram-se severamente fragmentados não permitindo a sua reconstituição. A nível decorativo a aplicação de fios brancos opacos fundidos sobre a superfície da peça é uma constante. A ornamentação “*vetro a fili*” conjuga-se com o efeito a *reticello* e com linhas verticais a branco opaco embutidas numa base cónica esteticamente rica. Caso único a presença de um botão em forma de balaústre decorado por fios brancos a *penne* (Figura 1g).

Contamos com a presença de um único exemplar de jarro com bico, sem decoração, usado no serviço de bebidas à mesa (Figura 1h).

As influências islâmicas encontram-se documentadas pelas garrafas em forma de cabaça, observadas no arqueossítio através dos bordos levemente extrovertidos ou em aba e pela forma de cabaça adscrita ao corpo. Outro exemplo da herança muçulmana é a garrafinha em tons de azul apresentando caneluras com recurso a molde que se desenvolvem pelo corpo globular (Figura 1i).

As garrafas de colo alto cilíndrico compreendem um vasto repertório decorativo composto pelas caneluras diagonais elaboradas através de molde; pelo uso de fios brancos aplicados verticalmente em relevo ou embutidos na peça e ainda pela técnica da “*mezza filigrana*”, com efeito a “*fili*” (Figura 1j). No que diz respeito às garrafas com boca em forma de funil são vários os fragmentos recolhidos, uns simples na ornamentação outros com decoração formada por fios brancos verticais em relevo aplicados sobre a superfície das garrafas.

O uso de perfumes ou águas com cheiros florais encontra-se representado pela presença de frascos de pequenas dimensões. Conservando apenas porção de bordo e colo, apresentamos um frasco produzido em tom de azul-escuro ornamentado em

redor do bordo por um cordão liso em vidro azul claro opaco. (Figura 1k). Outro tipo de contentor para *toilette* corresponde a um pequeno frasco de corpo globular achatado decorado através de reduzidos puxões realizados por pinça ao longo da sua base (Figura 1l).

Os fragmentos atribuíveis a taças mostram bordos em aba ou extrovertidos e paredes rectas. A gramática decorativa revela-se bastante homogénea pela aplicação constante de fios em branco opaco na parte superior das peças (Figura 1m). Em termos funcionais, as taças poderiam ser utilizadas para o consumo de alimentos no interior da prisão do Aljube. A descoberta de uma pulseira lisa, de secção circular, produzida em vidro negro sugere o uso de adornos corporais em ambiente prisional.

MAJÓLICA ITALIANA

As peças que encontramos no sítio do Aljube são provenientes de dois dos mais importantes centros produtores do século XVI: Montelupo e Líguria. Queremos destacar a forte presença deste último, que em cerca de meio século da sua existência se conseguiu afirmar perante produções mais antigas e estabelecidas.

Assim, entre as produções lígures encontramos pratos de aba planos e fundos, típicos das produções de século XVI, com esmalte azul *berettino* sobre o qual é aplicada diversa decoração a azul.

As peças com motivo *calligrafico con volute di tipo B* (Figura 3A) são produzidas a partir da segunda metade do século XVI e inspiram-se em peças de Iznik dos finais do século XV e inícios do XVI, na porcelana chinesa do período *Shuen Te* (1425-1435) e até mesmo em cerâmica de reflexo metálico de Manises. A sua cronologia enquadra-se completamente dentro do nosso contexto, bem como as suas formas mais comuns.

No caso dos fragmentos com decoração *calligrafico a volute rinascimentale* (Figura 3B) é muito semelhante ao que referimos anteriormente, mas os motivos apresentam um traço mais fino e cuidado. É normalmente aplicado nas abas e fundos de pratos, como sucede com os nossos exemplares, e a sua produção tem início ainda na primeira metade do século XVI. A finalizar a presença lígure temos uma peça única com decoração a *fiori e frutti policromi* (Figura 3C), que no nosso caso apresenta decoração externa. É inicialmente produzida nos inícios do século

XVI nas oficinas de Faenza e Veneza, mas acaba por expandir-se um pouco por todos os centros produtores italianos. Através de uma comparação estilística, cromática e de pastas foi possível determinar que o prato encontrado no Aljube é proveniente da Líguria. No que respeita às importações montelupinas verifica-se um maior espectro decorativo e formal, com taças e pratos planos. Nos pratos encontramos decoração policroma a *fiori centrale* (Figura 3D), com *spiral arancio* (Fig.3E) e *blu graffito* (Figura 3D e F), enquanto as taças apresentam motivos a *scacchiera* azul sobre azul (Figura 3G) e a *blu graffito tardo* (Figura 3H).

O prato com *fiori centrale* ostenta uma flor estilizada no fundo, em azul, verde, amarelo e castanho, e conjuga-se com *blu graffito* ao longo do bordo em azul, verde, laranja, branco e amarelo. O *blu graffito*, pode ser constituído por uma miríade de formas, neste caso pequenas cintas coloridas em, amarelo, verde, azul e laranja, sobre o qual se gravam motivos geométricos triangulares que revelam o esmalte branco. No caso da Figura 3 F ocorre com cintas amarelas, laranja e azul onde se inscrevem pequenas cruces e círculos. Já a peça com *spiral arancio* apresenta as tradicionais cores deste tipo decorativo – amarelo, laranja, azul e verde – representado apenas em formas abertas. Tal como as decorações anteriores é característica do século XVI, especialmente da segunda metade, e no seu caso particular o laranja constitui uma reminiscência das cerâmicas com reflexo metálico espanholas.

O motivo de *scacchiera* é tipicamente policromo, mas no nosso caso é aplicado o azul sobre azul, enquanto a taça com *blu graffito tardo* corresponde às típicas produções de século XVI, nas cores e na forma, visto que também aqui é aplicada em ambas as superfícies numa saladeira com pé em forma de campânula, o que lhe confere o nome de *alzata campaniforme*.

CERÂMICA ESMALTADA ESPANHOLA

O conjunto de cerâmica de reflexos metálicos valenciana recuperada nas escavações em apreço, é constituído por apenas 4 fragmentos, correspondentes a três peças distintas, sendo elas uma escudela e uma tigela, que aqui apresentamos, e dois fragmentos de prato, de grandes dimensões, dos quais não é possível reconstituir a forma nem a respectiva decoração. A tigela (Figura 2A) oferece decoração na superfície externa de traços ondulantes que se entrecruzam, e

na superfície interna de motivos fitomórficos (fruto ou pinha) em forma de lágrima e enrolamentos de “*atauriques carnosos*”, intervalados por linhas onduladas com pérolas na ponta.

A escudela com pega fabricada a molde, de forma trapezoidal, espessa e ligeiramente pendente com recorte em ondas (Figura 2B), oferece decoração na superfície interna organizada em cartelas radiais, separadas por linhas verticais que separam motivos reticulados constituídos por traços entrecruzados e motivos fitomórficos. A pega oferece decoração em três traços paralelos.

Ambas oferecem forma hemisférica baixa, e no caso da escudela (Figura 2B) a pega espessa e pendente constitui uma característica formal deste tipo de produções na primeira metade de séc. XVI.

Este tipo de decoração é tradicionalmente atribuído às produções de Manises, no entanto, os paralelos formais da escudela que aqui apresentamos oferece claras semelhanças com produções das oficinas de Paterna na primeira metade do séc. XVI (Mesquida Garcia, 1995 e 1998) evidenciando assim a produção de cerâmica de reflexos metálicos neste dois centros produtores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da sumária análise destes três conjuntos podemos inferir que todos são cronologicamente integráveis no séc. XVI.

No entanto, não podemos deixar de observar que embora se trate de um contexto prisional, o luxo reflectido por estes objectos de importação, tanto em quantidade como qualidade, demonstra-nos que não só os responsáveis da prisão, mas também alguns dos reclusos, tinham muito provavelmente a possibilidade de ter na sua cela algumas peças de carácter distinto.

Apenas a evolução deste estudo poderá comprovar com maior precisão esta hipótese.

BIBLIOGRAFIA

CARTA, Raffaella (2007-2008) – *Difusión e influencia de la producción de la cerâmica italiana entre la baja Edad Media y la primera Edad Moderna. El caso de Granada. 2007-2008.* (Texto Policopiado).

FERREIRA, Manuela Almeida (2004) – Espólio vítreo proveniente da estação arqueológica do Mosteiro de Sta. Clara-a-Velha de Coimbra: resultados preliminares. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2, pp. 541-583.

GIACOMOTTI, Jeanne (1961) – *La Majolique de la Renaissance*. Presses Universitaires de France, Paris.

MACEDO, Luiz Pastor de (1981) – Lisboa de lés-a-lés. Câmara Municipal de Lisboa. Vol. I. 3ª edição.

MEDICI, Teresa (2005) – The glass finds from Rua da Judiaria, Almada, Portugal (12th–19th century). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, pp. 535-569.

MESQUIDA GARCIA, M. (1995) – La cerâmica azul y dorada de Paterna: formas y decoraciones. *1^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: métodos e resultados para o seu estudo*. pp. 97-107.

MESQUIDA GARCIA, M. (1998) – La producción alfarera de Paterna en la primera mitad del siglo XVI. *Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: métodos e resultados para o seu estudo*. pp. 267-281.



Figura 1 – Vidros.

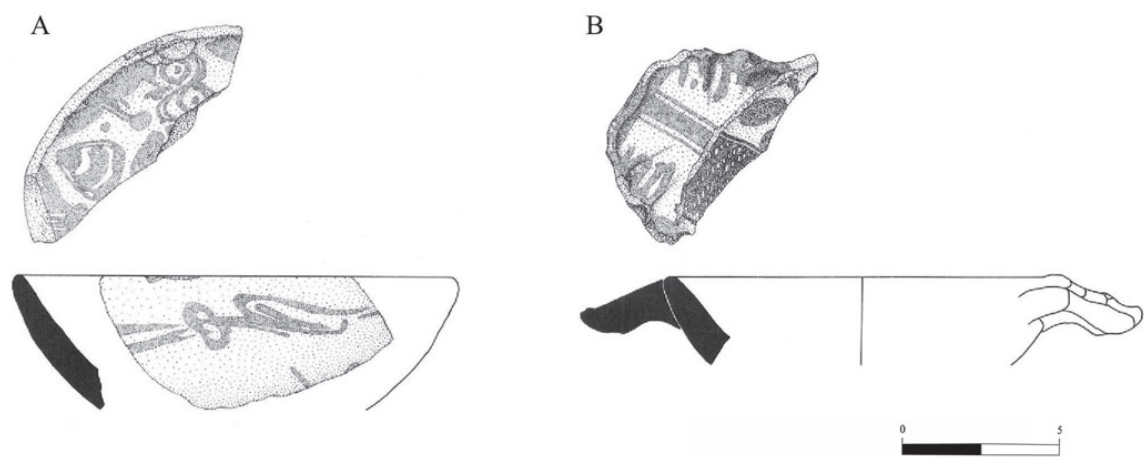


Figura 2 – Cerâmica esmaltada espanhola.

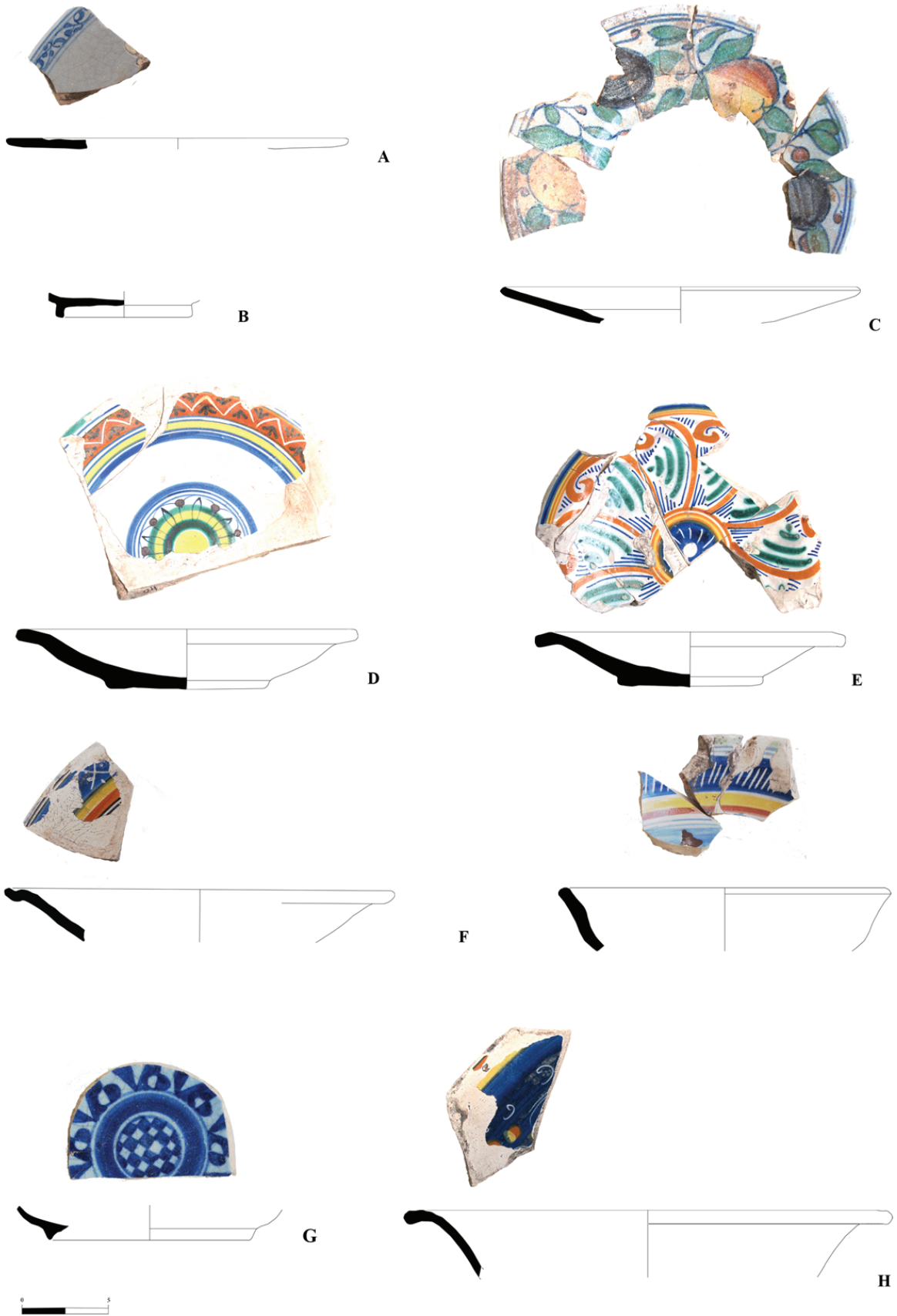
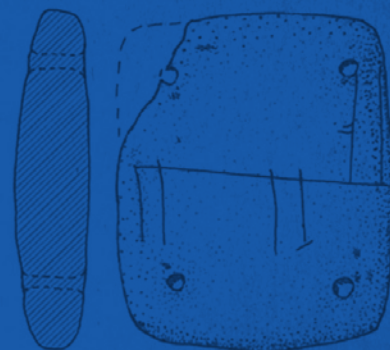
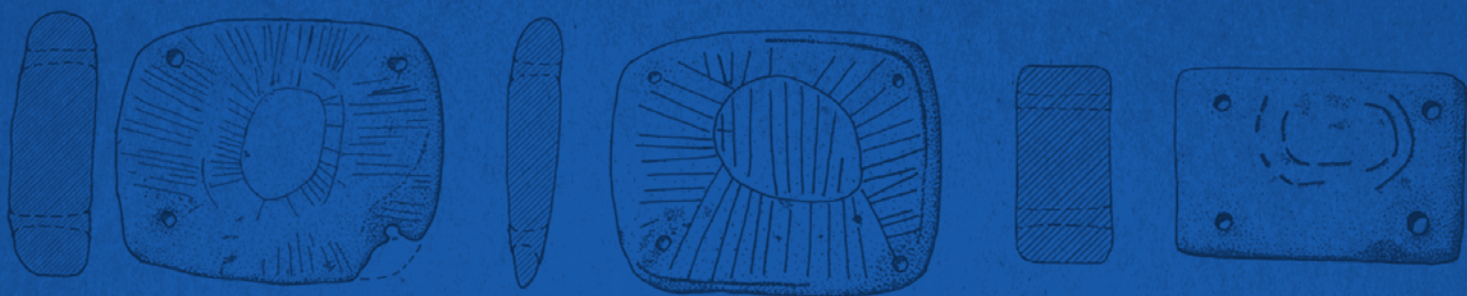
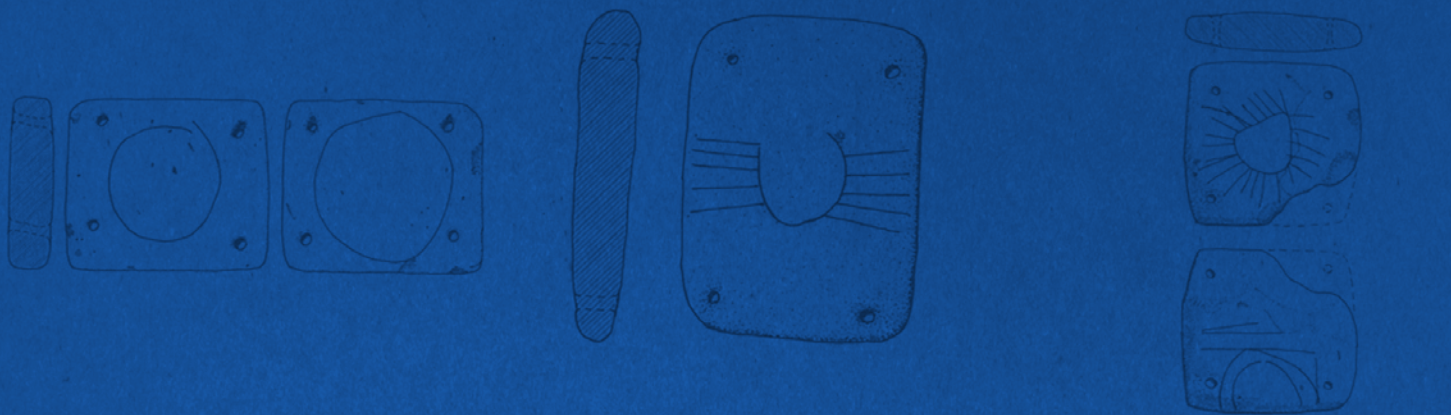


Figura 3 – Majóllica italiana .

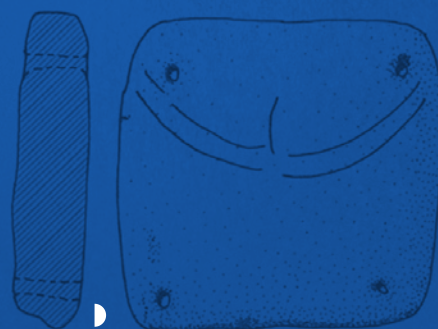


AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Patrocinador oficial



Apoio institucional



FUNDAÇÃO
Millennium
bcp

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL


Parques de Sintra
Monte da Lua